

Investimentos em ativos no exterior ainda é alternativa

Mesmo com incertezas globais, aplicação é boa para diversificar a carteira

Investimentos no exterior ajudam a diversificar ativos e diminuir riscos mesmo com a renda fixa brasileira em alta, instabilidades políticas globais e perspectiva de resfriamento da economia dos EUA, segundo especialistas consultados pela Folha.

O caminho pode ser feito via mercado nacional e a partir de quantias cada vez menores. BDRs (do inglês Brazilian Depositary Receipts), negociados na B3, replicam ações de grandes empresas do exterior, como Google, Apple e Microsoft. Há também os ETFs (de Exchange Traded Funds), fundos que replicam índices de mercado específicos.

“Em vez de procurar ações individualmente, o investidor compra uma cesta de ativos atrelada a um benchmark, permitindo diversificar internacionalmente com instrumentos únicos”, explica Cristiano Castro, diretor de gestão de patrimônio da BlackRock Brasil.

“BDRs de ETFs começam com preço de R\$ 50, por exemplo. Com R\$ 80, você já pulveriza seu portfólio em 500 ações do mercado americano. É a forma mais simples de misturar portfólio local e internacional sem precisar de conta no exterior.”

Por meio deles, é possível acessar, por exemplo, a renda fixa americana, tida como um dos investimentos mais seguros do mundo. A atratividade dos títulos do Tesouro dos EUA permanece, mesmo após o Fed cortar 0,50 ponto percentual nos juros do país, em meados deste mês, iniciando o que se espera ser um ciclo de alívio constante da política de ju-



David McBee/Divulgação

Apostar em moedas internacionais ainda é um bom caminho para rendimentos

ros, de acordo com Guilherme Suzuki, sócio da Astra Capital.

“Vemos a renda fixa dos EUA com bons olhos porque ainda estamos em um nível de juros que os EUA não vivenciam há décadas, especialmente para títulos de curto e médio prazo, de até dez anos, para o investidor mais conservador”, diz Suzuki.

Alessandra Ribeiro, sócia e diretora de macroeconomia da consultoria Tendências, diverge. A perspectiva de continuidade na redução de juros tanto nos EUA quanto na Europa pode fazer com que a renda variável possa ter mais a oferecer do que a renda fixa no médio prazo.

“O mercado de renda variável pode ficar mais atrativo, mas o investidor deve ter em mente

que ainda vai levar um tempo para ter o reflexo”, afirma.

Agendas como as eleições americanas devem ficar no radar do investidor, segundo a especialista.

“Se Trump ganhar e conseguir implementar políticas de forte redução de juros e aumento de tarifas de importação, pode haver um impulso na atividade econômica de curto prazo e elevar a inflação, os juros e valorizar o dólar frente a outras moedas. Porém, no médio prazo, pode ser uma agenda prejudicial aos EUA, resultando em crescimento menor e juros mais altos”, diz.

“Com Kamala Harris, esperamos impactos mais moderados. Os efeitos sobre juros e dólar devem ser mais contidos.”

Para investir diretamente no exterior, contas em corretoras internacionais permitem ao investidor negociar diretamente ações, ETFs e outros ativos diretamente nos mercados estrangeiros.

Investimento internacional não é só EUA, mas não há como desconsiderar a economia americana como etapa natural mesmo frente à perspectiva de recessão, de acordo com Isabela Bessa, economista especialista em investimentos internacionais na Warren.

“Se o cliente quiser investir diretamente na Europa, em uma corretora de lá, o mercado ainda é um pouco limitado e exige mais recurso inicial. Mas, por meio do mercado americano, você tem acesso a moedas

e diferentes mercados. De lá, você pode negociar na bolsa de vários países”.

Taxas de administração, comumente cobrada pelas instituições que fazem a intermediação do investimento, variam conforme o volume do patrimônio e o tipo de serviço oferecido. O investidor deve verificar se os rendimentos anunciados já descontam as tarifas.

No Brasil, algumas instituições também exigem um investimento mínimo, que pode chegar a R\$ 100 mil para a carteira total.

Estruturas offshore são empresas de investimento privadas constituídas fora do país de residência do investidor, geralmente em jurisdições com tratamento fiscal diferenciado.

Elas podem ser vantajosas em termos de planejamento sucessório e fiscal, mas demandam valores ainda mais elevados e assessoria especializada.

Especialistas recomendam ao menos R\$ 1 milhão investido para compensar taxas de administração e impostos envolvidos.

“Investindo via Brasil, você vai acabar tendo menos preocupação com questões tributárias e societárias, o que pode ser mais favorável ao pequeno investidor”, diz Carlos Gouveia, advogado e professor de Direito Comercial na Universidade de São Paulo (USP).

O que considerar antes de investir meu patrimônio no exterior?

- Tempo de retorno: investimentos internacionais requerem um horizonte de longo prazo e é um erro comum repatriar recursos quando o dólar cai, segundo especialistas. O ideal é manter a estratégia, fazendo aportes regulares para obter um preço médio favorável no longo prazo;

- Valor disponível para ser investido: considere sua capacidade financeira antes de investir. Avalie se o montante disponível é adequado para uma diversificação eficiente e construção da reserva de emergência;

- Aversão ao risco: entenda seu perfil de risco antes de escolher ativos internacionais e coloque na balança se faz sentido para a sua estratégia de investimento a proteção contra instabilidades locais;

Por Laura Intrieri (Folhapress)

As dificuldades da Geração Z em conquistar cargos de chefia

“Meus chefes diziam para ter paciência, que com o tempo o reconhecimento viria, mas olhava para os colegas ao lado e todos tinham planos para melhorar a equipe e não eram ouvidos”, conta Mateus Alves, 26, que trabalhava em uma empresa de tecnologia.

A conquista do emprego formal até que foi rápida para ele: começou como estagiário e já tinha sido contratado antes do fim da faculdade, mas as promessas adiadas de promoção acabaram desanimando o catarinense, que sempre ouviu ter perfil para ocupar um cargo de comando. Ele deixou a empresa após cinco anos e hoje é autônomo.

Assim como Alves, os trabalhadores jovens estão levando mais tempo para alcançar cargos de comando nas empresas, de acordo com um levantamento exclusivo feito pela consultoria Kairós Desenvolvimento Social.

Em 2008, os jovens da geração millennial ocupavam 7,67% dos cargos de dirigentes no mercado de trabalho formal. Agora, com a geração Z, esse percentual caiu pela metade: 3,89% em 2022.

Quando observados os cargos de dirigentes, houve queda também no número absoluto: de 4,65 mil, em 2008, e 6,81

mil, em 2009, para 3,88 mil, em 2022, segundo os últimos dados disponíveis da Rais (Relação Anual de Informações Sociais), do Ministério do Trabalho e Emprego.

Ao mesmo tempo, o total de cargos dirigentes subiu de 60,6 mil para quase 100 mil, o que fez a participação percentual da geração Z em posições de comando cair praticamente pela metade.

Para comparar os dois grupos, o levantamento considerou o recorte de 16 a 27 anos. Neste caso, a geração millennial abarca os nascidos entre 1981 e 1995 e a Z é a geração seguinte, a dos que nasceram até 2010.

A demora para conquistar um espaço no mercado formal vai além dos cargos de chefia. Em dezembro de 2022, a geração Z ocupava 25,1% das vagas formais no Brasil em regime CLT. Já a geração millennial, com a mesma idade (até 27 anos, em 2008), ocupava 33,8% das vagas.

Elvis Cesar Bonassa, diretor da Kairós, alerta que há uma ambiguidade no comportamento das gerações no mercado de trabalho: mesmo ocupando espaço menor, os jovens empregados em 2022 representavam 30% da geração Z.

Já aqueles jovens emprega-



Zanone Fraissat/Folhapress

Mariana Oliveira Jardim conseguiu entrar no mercado de trabalho como Jovem Aprendiz

dos em 2008 representavam um percentual menor, 26% da geração millennial. “Ou seja, a geração Z consegue proporcionalmente mais empregos e, no entanto, ocupa uma parte bem menor do mercado de trabalho.”

Isso ocorreu, pois, em números absolutos, o total de jovens com trabalho formal subiu 3,8%, de 10,6 milhões, em 2008, para 11,04 milhões, em 2022.

O mercado de trabalho teve um crescimento nesse período, de 31,4 milhões para quase 44

milhões de postos de emprego formal, fazendo cair a participação proporcional dos jovens.

O envelhecimento da força de trabalho ajuda a explicar a demora para que os mais jovens ocupem cargos de comando nas empresas.

“Parece haver um menor ímpeto de envolvimento dessa geração com o trabalho formal e colocar como meta pessoal alcançar um posto de comando, como gerações anteriores pareciam ter. Também há pessoas

parecem dispostos a ficar 12 horas por dia em uma empresa tradicional.”

A diferença entre gerações no ambiente de trabalho é algo que motiva João Prandini, 26. “Mesmo nas startups em que eu trabalhei, não era um ambiente tão novo assim. Os chefes já eram pessoas formadas em suas áreas, que trabalharam para grandes empresas e queriam começar seus próprios projetos.”

Tendo grande parte de sua experiência de trabalho durante a pandemia, ele conta ter se acostumado ao trabalho remoto ou, pelo menos híbrido, e que essa flexibilidade acaba pesando na escolha de uma vaga. O designer mora em São Paulo e hoje trabalha para uma empresa com sede nos Estados Unidos.

“Já tentei um emprego que era distante de onde moro e acho que isso pesou na hora de não me contratarem. Queria começar a trabalhar logo, em qualquer modalidade de emprego, e hoje continuo sem ser CLT, mas isso também varia. Um amigo entrou na mesma época em uma empresa grande e trabalha até hoje lá, em um modelo mais convencional”, conta.

Por Douglas Gravas (Folhapress)